



**Universidade de Brasília Faculdade de Educação Curso de Pedagogia**

**THAYNARA CRISTINA D' FÁTIMA BELLINO**

**O ENCONTRO DE TRAJETÓRIAS: A ESCOLARIZAÇÃO  
DO ESTUDANTE AUTISTA NA PERSPECTIVA DE  
PROFESSORES**

**Brasília 2018**

**THAYNARA CRISTINA D' FÁTIMA BELLINO**

**O ENCONTRO DE TRAJETÓRIAS: A ESCOLARIZAÇÃO  
DO ESTUDANTE AUTISTA NA PERSPECTIVA DE  
PROFESSORES**

Trabalho Final de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Educação da Universidade de  
Brasília como requisito parcial  
para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia,  
sob a orientação da  
professora Dra. Sandra Ferraz  
de Castillo Dourado Freire.

**Brasília  
2018**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Monografia de autoria de Thaynara Cristina D' Fátima Bellino, intitulada "O encontro de trajetórias: a escolarização do estudante autista na perspectiva de professores", apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Brasília, em 2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Fátima Vidal Rodrigues – Examinadora Faculdade de Educação,  
Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues – Examinadora Faculdade de  
Educação, Universidade de Brasília

**Brasília  
2018**

Dedico este trabalho a todos os professores que trabalham com autistas e educação inclusiva e às crianças autistas, em especial o Dudu. Dedico também a Deus por ter me abençoado durante este tempo e principalmente aos meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu refúgio, presente nos momentos de angústia, lutas e vitórias, que me deu força e coragem para seguir em frente. Capacitando-me durante toda a minha caminhada, me protegendo e guiando.

Minha eterna gratidão aos alunos autistas em que eu tive o prazer de conviver e que mudaram minha concepção de ver o mundo, obrigada por compartilharem um pouco do mundo de vocês. Jamais me esquecerei de cada luta, alegria, angustia e vitórias, principalmente vitórias no desenvolvimento do sujeito autista, dos momentos que conseguiram se expressar, tirar uma dúvida, realizar um diálogo, demonstrar alegria, tristeza. Enfim, obrigada por serem do jeito único e admirador que são. Obrigada por me mostrar que ainda há amor no mundo e diversas maneiras de amar e ser amado.

À minha família, que tanto me ensinou e me ajudou incentivando-me em meus estudos e investindo tanto para que eu pudesse ter uma educação de qualidade.

Agradeço à minha mãe, pelo seu cuidado, esforço e dedicação, sendo meu exemplo de mulher guerreira, e me incentivando em minha caminhada. Ao meu pai, cuja presença me ajudou muito nesta jornada. E aos meus irmãos, por sempre serem meus companheiros da vida.

Ao meu atual namorado e futuro marido, Júnior Alves, a pessoa com quem compartilho meus maiores sentimentos, angústias e alegrias e tem minha total admiração. Obrigada pela atenção, paciência e pela aptidão de poder me proporcionar calma durante o processo desta pesquisa. Você é o homem que sempre sonhei para viver e ser pai dos meus filhos.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram, estando presentes quando eu precisei e acreditando em mim. Em especial, à Yasmim Nóbrega, à Luana Karen e ao Pedro Falcão. Além de compreenderem minha ausência durante este tempo de pesquisa, agradeço pelos momentos de partilha de ideias referente a esse tema, tanto durante o processo como antes, assim, escutando os relatos vivenciados para a construção desta pesquisa. Vocês são incríveis!

À Professora Sandra Ferraz, por ter me acolhido durante o desenvolvimento desta pesquisa, pelas orientações e auxílios, agradeço também pelo exemplo de professora e de ser humano que é.

Aos membros componentes da banca examinadora, por terem aceitado o convite e por contribuir grandemente para a minha formação. Professora Fátima Vidal sempre com sua forma doce de transferir os grandes ensinamentos nas disciplinas e Projeto 4 Fase 1. Maria Alexandra por mostrar uma educação inovadora começando pelo seu lindo trabalho. As disciplinas que ambas ministraram, intituladas “Educando com Necessidades Especiais” e “Oficina do Professor – Leitor”, além dos projetos, foram fundamentais para a minha formação.

A todos que ajudaram na construção desta pesquisa, minha eterna gratidão.

*“Educar é viajar no mundo do outro,  
sem nunca penetrar nele. É usar o que  
passamos para transformar no que  
somos.”***Augusto Cury**

## RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar as práticas docentes em relação a escolarização do sujeito autista em uma escola pública localizada no Distrito Federal. Considera-se as vivências e formação dos professores, o comportamento do sujeito autista e a inclusão no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi a qualitativa, utilizou-se métodos para essa metodologia, como: observações, entrevista e questionários. O aporte teórico fundamental para esta pesquisa, se refere ao estudo sobre autismo e educação inclusiva. O foco da análise dos dados, foi averiguar a relação das práticas dos professor relacionado com a escolarização do estudante autista, observando a relação professor-aluno e atividades propostas pelos professores. Os estudos desta pesquisa, percebe-se a importância da formação e os desafios enfrentados pelos professores considerando o efeito desse aspecto para o estudante autista. O resultado obtido nesta pesquisa informa que os professores não possuem preparação acadêmica para trabalhar com autista, ressalto que no trabalho pedagógico há divisão de alunos autistas e não autistas, além da escola não oferecer projetos de inclusão nem mesmo ações pedagógicas como o uso do material concreto no recreio. Percebe-se que a questão da escola pública é muito relevante no trabalho feito pelas professoras.

Palavras-chave: Autismo; professor; educação; inclusão escolar.

## **ABSTRACT**

This research intent to analyze the trajectory of the teachers in relation to the schooling of the autistic student in a public school located in the Federal District. It is considered the trajectory and graduation of the teachers, the behavior of the autistic person and the inclusion of this student in the school environment. The methodology used was qualitative, using methods for this methodology, such as: observations, interview and questionnaires. The fundamental theoretical contribution for this research, refers to the study on autism and inclusive education. The focus of the data analysis was to investigate the relation of the trajectory of the teacher related to the schooling of the autistic student, observing the teacher-student relationship and the activities proposed by the teachers. Considering the studies of this research, we realize the importance of the training and the challenges faced by the teachers considering the effect of this aspect for the autistic student. The result obtained in this research informs that teachers do not have academic preparation to work with autistic ones. It must be emphasized that in the pedagogical work there is a division of autistic and non-autistic students, besides the school does not offer inclusion projects or even pedagogical actions such as the usage of concrete material in the playground. It is noticed that the question of the public school is very relevant in the work done by the teachers.

Keywords: autism; teacher; education; inclusive education.

# SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>12</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>PARTE I.....</b>	<b>15</b>
<b>MEMORIAL .....</b>	<b>15</b>
<b>A EDUCAÇÃO TRANSFORMA .....</b>	<b>15</b>
<b>PARTE II.....</b>	<b>17</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>20</b>
1.1 A inclusão.....	20
1.2 Dispositivos Legais.....	22
1.3 Autismo .....	28
1.4 O sujeito autista e o professor .....	31
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
2.1 Pesquisa Qualitativa .....	37
2.2 Contexto da pesquisa .....	37
2.2.1 A escola.....	37
2.2.2 Sujeitos.....	38
2.2.2.1 Professores.....	38
2.2.2.2 Sujeitos autistas.....	38
2.2.3 Instrumentos e Procedimentos metodológicos .....	38
2.2.3.1 Observação.....	38
2.2.3.2 Entrevistas e questionários .....	39
2.3 Entrevista: a inclusão e a trajetória do professor .....	40
2.4 Observações: escolarização do sujeito autista .....	41
<b>RESULTADOS E ANÁLISE .....</b>	<b>42</b>
3.1. Entrevista: a inclusão e a trajetória do professor .....	42
3.2. Observações: escolarização do sujeito autista.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>PERSPECTIVA FUTURA.....</b>	<b>51</b>

**REFERÊNCIAS ..... 52**

**APÊNDICES ..... 55**

**APÊNDICE 2 ..... 56**

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CF	Constituição Federal de 1988
DF	Distrito Federal
DI	Dificuldade Intelectual
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MG	Minas Gerais
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD	Transtornos Globais do Desenvolvimento
UnB	Universidade de Brasília

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Linha do tempo dos dispositivos legais da inclusão no Brasil .....	24
--	----

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília teve como motivação um estágio voluntário que realizei no ano de 2015, oferecido pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Nesse trabalho, eu assumi as atividades lúdicas de matemática para algumas turmas do integral das séries iniciais do Ensino Fundamental I, em algumas turmas havia sujeito autista. Depois de um ano eu assumi a função de auxiliar crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), na sala de aula regular também do Ensino Fundamental (EF) em uma escola privada. Assim, trabalhei com crianças com autismo regularmente matriculadas em turmas de alfabetização dos primeiros anos do Ensino Fundamental I no estágio obrigatório. Portanto, ao longo da minha caminhada acadêmica houveram muitas reflexões pedagógicas acerca da educação inclusiva.

Durante a minha trajetória nas escolas do Distrito Federal (DF), percebi que os professores não tinham muito preparo para lidar com esses educandos quando o assunto é inclusão, portanto tentava entender como se dava a trajetória escolar do sujeito autista. Considerando isso, essa preocupação serviu de inspiração para a escrita do presente trabalho. Com isso, o objetivo dessa monografia é descrever as práticas usadas por professores do EF, entendendo como se deram suas trajetórias e suas concepções acerca da inclusão do autista. Contudo, o estudo dispõe-se a caracterizar as percepções dos docentes sobre a inclusão e o conhecimento que têm sobre o autismo.

O presente estudo está organizado em três principais capítulos, juntamente com os subtítulos. O primeiro é a fundamentação teórica que descreve a inclusão, dispositivos legais, o autismo e a relação professor e aluno autista, além de algumas características e definições segundo teóricos. O segundo capítulo refere-se à metodologia adotada para realizar esta pesquisa, onde é apresentada a natureza escolhida que foi a qualitativa. Além disso, o procedimento da pesquisa e seus

métodos apresentados por: questionário, observações e entrevista. Logo depois, os resultados juntamente com a análise de dados e por último as considerações finais no capítulo final.

## PARTE I

### MEMORIAL

#### A EDUCAÇÃO TRANSFORMA

Ao me deparar com a realização deste memorial, refleti que há muito o que se falar, mas também é considerável que a vida é muito curta e que o tempo corre como uma flecha!

A escola é um verdadeiro manual de vida, é onde tudo começa... primeiros amigos, primeiras decepções, primeiras reflexões, primeiras experiências que levaremos para o resto da vida. Minha vida escolar iniciou-se em escola particular, depois pública, mas a maioria dos anos estudei no ensino privado. Assim, no Ensino Fundamental eu comecei a presenciar esses acontecimentos com mais contraste. Durante minha escolarização, confesso que nunca fui a melhor aluna da sala, porém era esforçada e encantada com todos os meus professores, mantive boa relação com todos eles. Comecei a ter um olhar de pura admiração pela educação, comecei a ler mais livros, me dedicar mais nas disciplinas curriculares, até mesmo sentar na frente da sala todos os dias.

Algo marcante na minha trajetória escolar foi um concurso de poesia em que participei na Escola Classe quando eu estava na 3ª série do EF. Sempre gostei muito de escrever, mas confesso que me surpreendi com o resultado: ganhei em primeiro lugar. O tema era água e tinha que recitar na frente da escola toda e eu era (ainda sou) muito tímida, mas venci todos os obstáculos. No mesmo dia saiu o resultado, eu entrei em êxtase ao saber que tinha sido eu. No dia da apresentação o meu pai estava comigo, lembro-me que ele chorou e mostrou-se mais emocionado que eu, fiquei muito orgulhosa de mim neste dia.

Lembro-me que a minha primeira “paixão educacional” foi pela orientadora educacional, a querida Suely. Essa paixão iniciou porque, certo dia, Suely me chamou na sua sala. Como eu havia dito, nunca fui a melhor aluna da turma, mas também não havia necessidade de ir para a coordenação levar bronca, então foi uma surpresa para mim. Quando cheguei na sala perguntei porque eu deveria ir até ela, e

ela disse: “Calma Thay, vamos apenas bater um papo! ”. Ela é do tipo de professora que tenta ser amiga do estudante, que “puxa orelha” mas sabe levantar a auto estima do estudante. É o tipo de educador que lhe conhece pelo nome, que pergunta sobre seu dia e sobre suas dificuldades diárias, aquele amigo que tem o cuidado de olhar nos olhos e compreender os sentimentos que passam no coração. Concluindo, o teor da conversa referia-se ao crescimento das minhas notas do primeiro bimestre para o terceiro. Esta atitude me fez refletir sobre a importância do educador na vida do estudante. Então, a partir disso, decidi fazer o curso de Pedagogia. Em 2013, minha vida mudou radicalmente. Minha mãe recebeu uma proposta de emprego e teve que ir para a Bélgica. Tive que ir morar com meu pai. Esta transição ajudou para minha decisão de estudar na Universidade de Brasília (UnB), pois queria ocupar meu tempo para saciar a falta da minha mãe aqui no Brasil, além da questão financeira. Por isso, me dediquei bastante ao Processo Seletivo de Avaliação Seriada(PAS) e obtive êxito! Foi uma alegria imensa saber que seria estudante de uma universidade tão renomeada. E a família inteira se alegrou.

Assim, ingressei no curso de graduação em Pedagogia no ano de 2014. O primeiro dia de aula foi como um sonho, conhecemos o espaço da universidade, conversamos sobre nossa trajetória e também sobre a decisão de escolher o curso. No decorrer dos anos até chegar nesta pesquisa, a Faculdade de Educação (FE) trouxe muito aprendizado, não somente referente à educação, mas também à cidadania. Além de ter a oportunidade de estudar um pouco sobre legislação, principalmente na disciplina “Organização da Educação Brasileira”, aprendemos sobre as formas de ensinar, como na disciplina “Didática Fundamental”. Algumas disciplinas marcaram muito minha vida acadêmica, refiro-me à disciplina “Educando com Necessidades Especiais” e “Oficina do Professor – Leitor”, em ambas pude conciliar ideias de atividade para a educação inclusiva e ludicidade. Depois fiz Projeto 4 que se trata do estágio obrigatório, onde eu trabalhei com um sujeito autista. Com isso, o desejo de trabalhar com educação inclusiva foi aumentando, pois além do conhecimento na Universidade, tive contato na prática também. Assim, nasce esta pesquisa.

## PARTE II

# INTRODUÇÃO

A pesquisa nasce através de questionamentos acerca da inclusão através do olhar do professor em específico aos alunos autistas. A princípio, essas questões surgem através de um trabalho educacional voluntário na escola pública do Distrito Federal e do estágio não obrigatório, foi quando eu conheci três sujeitos autistas em que minha função era acompanhá-los durante todas as atividades do período regular. Através disso, nascem as dúvidas, as reflexões, os estudos e por fim: esta monografia.

Esta pesquisa retrata vivências dos professores acerca do aluno autista, caracterizada pelos questionamentos: é possível perceber estratégias dadas pelos professores para a inclusão? Como se dá a formação dos professores que trabalham com sujeito autista levando em consideração a inclusão de autismo e as práticas pedagógicas? Esses questionamentos vieram a partir de um trabalho voluntário, chamado Educador Social, criado pela Câmara em 2009 para pessoas que concluíram o Ensino Médio (EM). Este trabalho atua juntamente ao corpo escolar nas escolas públicas, a função é utilizar ferramentas pedagógicas para intervir nas problemáticas de alunos que necessitam de acompanhamento educacional específico.

Algo que marcou minha trajetória foi a realização de uma redação feita por um sujeito autista em que acompanhei. Ele escreveu: “a minha maior missão no mundo é alegrar as pessoas que ficam perto de mim e viver de uma forma que eu consiga combater o mal”. Isso me surpreendeu porque uma das características do autista é que eles são hipersensíveis, nesta situação ele conseguiu mostrar isso na forma da escrita, haja vista que eles têm dificuldade de se expressar.

A partir dessas experiências, percebi a importância da trajetória do sujeito autista no âmbito escolar e também a relevância do professor que trabalha diretamente com esse sujeito. Logo, quando nos indagamos sobre a situação da

educação no Brasil, pensamos na falta de recursos e infra estrutura, além da dificuldade de acesso e permanência. Portanto, refletiremos: e os professores? Qual o nosso papel na educação do educando autista, considerando as especificidades de cada indivíduo e essas adversidades? Referente à última indagação: como estão sendo preparados os professores para lidar com a inclusão, considerando as propostas pedagógicas e a cidadania?

A consolidação do respeito às diferenças ainda não é totalmente precisa em relação ao educando e o docente. O professor que trabalha com o sujeito autista, seja ele uma criança ou adolescente, com necessidades específicas na sala de aula, vivencia desafios diários como obedecer ao ritmo do aluno, trabalhar a inclusão em todo espaço da escola e com todo o corpo escolar. Consideramos que o professor tem um papel crucial na vida do aluno, além de construir as oportunidades de ensino e aprendizagem é necessária uma relação de acolhimento, um olhar subjetivo e de total compreensão com os alunos. É preciso uma política pública de educação continuada voltada para a formação do docente e do profissional da educação que tem o desafio de atender a criança autista, como por exemplo, os monitores, estagiários e educadores sociais. Percebe-se que são poucos os cursos voltados para o processo de aprimoramento da inclusão focada em necessidades específicas, como o autismo.

Considerando isso, o artigo 208 da Constituição Federal que prevê atendimento especializado a crianças com necessidades específicas foi um avanço significativo para a Educação Inclusiva. Pois assim, trabalha a inclusão na classe regular ou especial afim de incluir o aluno em qualquer ambiente em que ele se encontra articulando com o aprendizado específicos para as necessidades cognitivas e sociais do sujeito.

A institucionalização da educação da diferença é um fenômeno sensível e delicado. As conquistas e o progresso da educação inclusiva foram processos de muita luta no âmbito do ensino e das aprendizagens. Compreende-se que as crianças com necessidades educacionais específicas merecem atenção diferenciada. Para o sujeito autista, é preciso ter um olhar específico em relação ao desenvolvimento da comunicação e da interação social, pois o seu comportamento

tem esse aspecto mais sensível, ou seja, é preciso estimular a comunicação. Uma maneira de isso ocorrer é chamando crianças da idade dele para brincar, é necessário olhar nos olhos e saber como a criança se sente melhor ao demonstrar carinho.

A respeito disso, esta pesquisa se dedica a analisar as práticas docentes na trajetória da inclusão dos sujeitos autistas, considerando os comportamentos desses alunos em uma escola pública do DF. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as práticas docentes acerca da escolarização do sujeito autista no ambiente escolar supracitado. Assim, discutindo estratégias e abordagens no trabalho pedagógico com o sujeito autista.

## **CAPÍTULO 1 REVISÃO TEÓRICA**

Neste capítulo, iniciaremos com um breve histórico da legislação referente à inclusão. Também iremos analisar os referenciais teóricos que abordam a temática do autismo e um pouco sobre sua história, relacionando com o sujeito autista.

É preciso compreender que a criança que apresenta autismo necessita de atenção em relação à sua interação social e comunicação. Por isso, a pesquisa também retrata a interação professor e aluno, pois é fundamental que o docente tenha um olhar específico para o sujeito autista, pois mesmo com tempos diferentes de aprendizagem, esses alunos devem ser incluídos em classes regulares com alunos de mesma faixa etária.

### **1.1 A inclusão**

A partir do século XX, especificamente no final da década de 1980, a visão sobre Educação Inclusiva começou a ser mais “visada”. Assim também como o crescimento econômico e tecnológico. A Educação Inclusiva parte do princípio de que todos os alunos estão na escola para aprender, portanto, interagem uns com os outros participando das atividades propostas, como eventos, gincanas pedagógicas, independentemente das dificuldades que alguns possam apresentar e às quais cabe à escola adaptar-se. Esta atitude é um desafio constante que cria novas situações de aprendizagem.

A escola é um lugar que ajuda diretamente os alunos na interação de aprendizagens significativas, cooperando com a diferença de cada sujeito. “Os pressupostos de uma educação para todos, que incluem acessibilidade, permanência e aprendizagem, permitem armar possibilidades e condições para que possamos, na docência, atender a especificidade desses sujeitos na linguagem” (RODRIGUES, 2012, p. 78).

Com isso, há estudos que comprovam os benefícios da inclusão escolar: um exemplo disto é o estudo realizado por Serra (2004), no qual buscou verificar os efeitos da inclusão em escola comum nos comportamentos de um menino de sete anos com autismo. Os resultados obtidos através de uma avaliação da dinâmica familiar e escolar e da própria criança mostraram que a inclusão trouxe benefícios para ela. Por exemplo, a criança apresentou melhora significativa da concentração nas atividades propostas, bom estabelecimento de relacionamentos com os colegas e no comportamento de atender a ordens. (CAMARGO, 2009, p. 70)

Batista (2004) caracteriza a palavra inclusão como uma definição ampla, indicando uma inserção total e incondicional. A inclusão exige a transformação da escola, pois defende a inserção no ensino regular de alunos com quaisquer déficits e necessidades. Portanto, é preciso que as instituições se adaptem às necessidades dos alunos.

A escola regular desempenha um papel fundamental na vida dos alunos. A inclusão escolar ajuda em aspectos de desenvolvimento social do estudante autista, assim como o das demais crianças, na medida em que convivem e aprendem com as diferenças. Segundo Sanches (2006), muitos pensam que a inclusão escolar é para os jovens em situação de deficiência, mas não, ela deve contemplar todas as crianças e jovens com necessidades educativas.

Para crianças autistas é importante:

Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, subjacente ao conceito de competência social está a noção de que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada criança. Diante dessas considerações, fica evidente que crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil. A oportunidade de interação com pares é a base para o seu desenvolvimento, como para o de qualquer outra criança. Desse modo, acredita-se que a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer

não só o seu desenvolvimento, mas os das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com a diferença. Só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças. (CAMARGO, 2009,p.68)

Segundo Lacona (2004), a educação de pessoas com deficiência mental tem início oficialmente em 1932 com a criação da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, em Minas Gerais (MG), e em 1954 com a criação da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) considerada hoje um dos maiores movimentos comunitários do país, com cerca de 2000 instituições em municípios brasileiros, os quais, muitas vezes, é a única alternativa educacional para alunos com deficiência mental.

## **1.2 Dispositivos Legais**

A legislação foi um grande avanço para a Educação Inclusiva, com isso teve início a garantia desses alunos de prosseguir tanto na vida acadêmica e escolar como na vida profissional. Com a legislação brasileira, o processo construído pelo corpo escolar percebe-se que a escola está sendo mudada, mas não o suficiente para que todos os alunos, sem exceção, estejam totalmente incluídos nela.

Há concepções que classificam os alunos e limitam ao seu ensino de aprendizagem, os estudantes com transtorno no desenvolvimento, autistas ou até mesmo altas habilidades passam pelo âmbito escolar e deixam memórias. O necessário é não fazer tudo igual para todos, independentemente de diagnóstico é preciso olhar a subjetividade de cada aluno, a Educação Especial deveria ter como função espaços garantidos para intervenção desses sujeitos em todos aspectos, seja ele social ou pedagógico.

Ocorreram importantíssimos acontecimentos dentro da legislação brasileira para a determinação de ações em prol da Educação Inclusiva. Começando por uma das mais importantes, conhecida como “Constituição Cidadã”, portanto dentro dos

objetivos fundamentais da Constituição Federal de 1988 está previsto “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º, inciso IV) (BRASIL, 1988) e no artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988). Além de assegurar o direito de todos à educação, garante-se também o atendimento educacional especializado às pessoas com necessidades educacionais específicas, conforme artigo da nossa Constituição (1988):

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)(Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)II - educação básica obrigatória e gratuita - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela freqüência à escola. (BRASIL, 1988)

Caminhando com a legislação sobre à Educação Inclusiva, dia 13 de julho de 1990 é criada a Lei Nº 8.069, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que assegura à criança deficiente além do atendimento educacional especializado: Art.54 “III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1990). Assegura no âmbito profissional também, conforme o Art. 66 “ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido” (BRASIL, 1990).

Outro marco importante foi a Declaração de Salamanca, em 1994. Criada tendo como objetivo a garantia de atendimento às necessidades de aprendizagem de todas as crianças, de modo a garantir a inserção da Educação Especial na estrutura ampla da educação. Este foi um grande e importante avanço para Educação Inclusiva. Esta busca um sistema educacional que seja único para todas as pessoas, visando melhorias e normatização para as condições educacionais., ela assegura e defende o acesso e a permanência da pessoa com deficiência em todos os níveis de ensino. Um dos princípios fundamentais desta declaração refere-se à escola inclusiva:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (UNESCO, 1994, p. 5)

Para Sanches (2005), a inclusão defende uma educação de qualidade para todos, em que as escolas enquanto comunidade educativa abrace todas as necessidades pessoais, psicológicas ou sociais dos alunos, sejam quaisquer ele (deficiente ou não), com característica. Entretanto, a inclusão escolar de crianças especiais, de um modo geral, ainda precisa melhorar, isso ocorre provavelmente porque há traços na história do processo de exclusão nas escolas.

Um pouco antes da Declaração de Salamanca, ocorre um dos acontecimentos essenciais para a Educação Inclusiva: a Declaração Mundial sobre Educação para todos criada na década de 90, composta por oito objetivos com a finalidade de propor uma educação de qualidade para todos, como fala o artigo 3: “A educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Para tanto, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades” (UNESCO, 1990, p. 4).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, conhecida como Lei nº 9.394, foi antecedida por duas versões, a primeira realizada

no ano de 1961 e a segunda em 1978. Essa lei surgiu com o objetivo de organizar e estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, ao que se refere a diversos assuntos, como possibilitar a transformação escolar desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, assim, priorizando também o valor ao respeito e à democracia, desenvolvendo uma formação cidadã. Ou seja, é um dispositivo legal crucial para a Educação Inclusiva. De acordo com o Art. 2º, a educação é “dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996). Ao que tange o assunto da Educação Especial, a LDB dispõe em seu Art. 59 inciso I que serão assegurados pelos sistemas de ensino os currículos, métodos, técnicas e recursos educativos aos educandos com necessidades específicas conforme suas necessidades. Além disso, ainda no capítulo 5 da Lei 9.394, estabelece critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assim é assegurado que os professores com especialização adequada para lidar com os educandos com necessidade específica, acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o ensino inclusivo e especial (BRASIL, 1996).

A partir dos anos 2000, o Brasil iniciou um período de mudanças significativas em diversos setores da sociedade, principalmente em relação aos processos e demandas sociais, com isso, os direitos das pessoas com deficiência precisavam ser revistos, contudo o Congresso Nacional aprova o Decreto nº 3.956 no dia 08 de outubro de 2001, que divulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, conforme o Art.1, discriminação significa:

o termo "discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência" significa toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, antecedente de deficiência, conseqüência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas portadoras de deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais. (BRASIL, 2001)

Continuando a trajetória de legislação da Educação Inclusiva, destacam-se o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Aprovado em abril de 2007, foi de suma importância, pois foi o primeiro a tratar detalhadamente da importância das instalações das escolas.

Permite que todos os esforços que a escola realiza, em qualquer área - administrativa, pedagógica, de apoio ao aluno, de gestão, de relações com os pais e com a comunidade, de infra-estrutura - tenham unidade e sejam coerentes com o objetivo de obter um desempenho superior (BRASIL, 2007, p. 130).

No ano de 2008, o Brasil ratificou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU, bem como seu Protocolo Facultativo. Com isso, o documento teve uma equivalência através de um ato institucional, conforme o decreto 9.949. Este documento teve grande relevância para a Educação Inclusiva, pois busca se defender e garantir condições dignas as pessoas deficientes. Além de prevê monitoramento periódico, conforme artigo 9, propicia a todas as pessoas envolvidas, uma capacitação sobre as questões de acessibilidade enfrentadas por pessoas com deficiência.

A Política Nacional de Educação Especial de 2008 foi revolucionária para educação especial no nosso sistema de ensino. Criada pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008, este dispositivo complementa os estudos de alunos deficientes ao que tange aos recursos para facilitar o acesso, a permanência e também um grande avanço para a educação inclusiva: a participação nas turmas comuns de ensino regular.

Além de assegurar o aluno este dispositivo legal incentiva o docente, conforme página 17 do documento da portaria nº 555/2007 "para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada".

A Lei nº 13.005/2014 aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) que determina estratégias, metas e diretrizes para a política educacional nos próximos dez anos (foi criado no ano de 2014, ou seja, valerá até o ano 2024). Esse plano também foi essencial para um olhar direcionado à Educação Inclusiva. A meta 4 é voltada para este assunto, acompanhada de dezoito estratégias. Dentro da primeira meta do PNE é retratado o atendimento educacional para alunos deficientes:

Priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos (às) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica. (BRASIL, 2014)

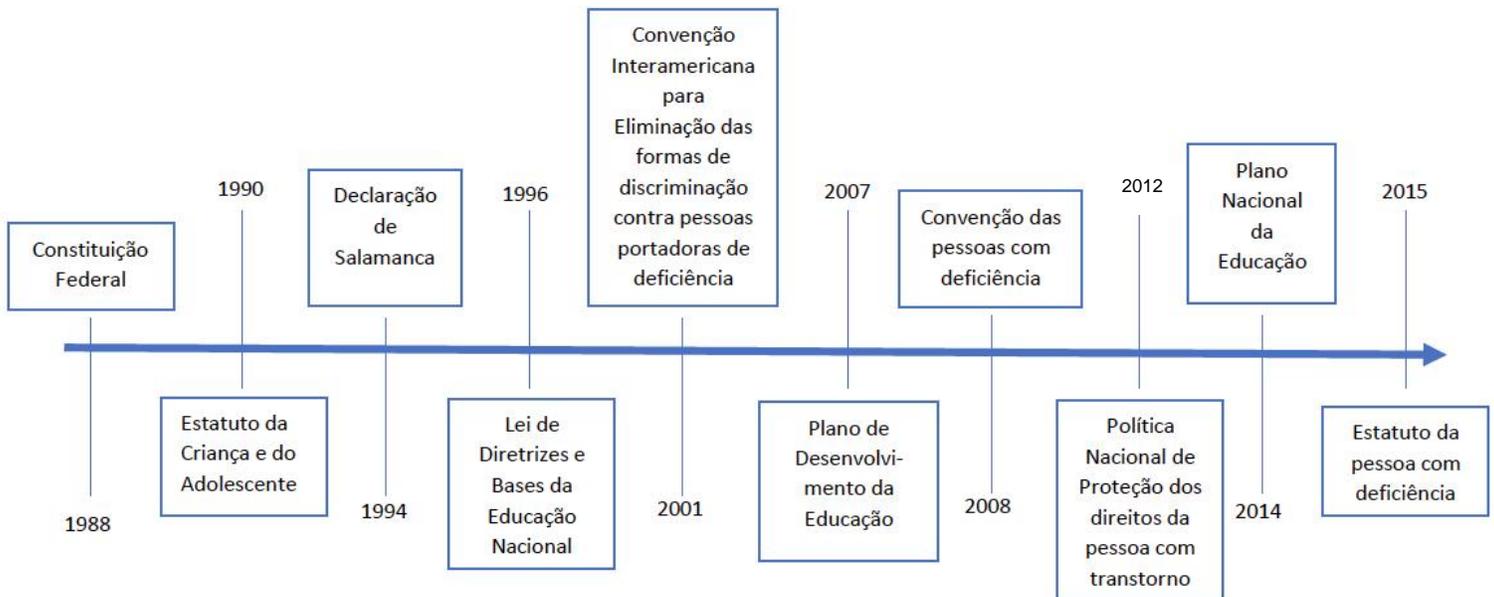
Ao que tange a inclusão de autista, há dispositivos legais referentes, como a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, criado pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Dentro da lei são estabelecidos três parâmetros para considerar uma pessoa com transtorno do espectro autista, são eles: deficiência persistente e significativa da comunicação; deficiência 33 persistente e significativa da interação social; e padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades. O termo utilizado agora é Transtorno do Espectro Autista (TEA) e não “Transtorno Global do Desenvolvimento” e a pessoa com TEA também é reconhecida como pessoa com deficiência. Quanto à educação, a lei cita dois artigos específicos, um garantindo direito a acompanhante especializado nas classes comuns de ensino regular (quando comprovada necessidade) e outro instituindo multa à autoridade escolar que recusar matrícula de aluno com Transtorno do Espectro Autista. (BRASIL, 2012).

O Estatuto da pessoa com deficiência foi criado no ano de 2015 através da Lei nº 13.146/2015. Responsável por trazer algumas garantias para as pessoas deficientes de todos os tipos. Foi um grande avanço pois trata das disposições gerais e dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência, como educação, transporte e saúde.

Percebe-se que há uma grande proteção para as pessoas com necessidade específica educacional na legislação brasileira até porque quando qualquer item dos dispositivos legais não estiver sendo executado, poderá ser cobrado junto às autoridades

competentes. Portanto, a discussão sobre inclusão é uma discussão política, que tem atuação em todos âmbitos sociais como comunicação, saúde, moradia, lazer e educação.

Gráfico 1: Linha do tempo referente aos dispositivos legais da inclusão no Brasil



Fonte: A autora

Observa-se através da linha do tempo que houve nas últimas três décadas uma sensibilização progressiva e um crescimento considerável das ações dos movimentos que resultaram na construção de leis e manifestos em favor da inclusão no Brasil. Embora, um dos aspectos a serem considerados, é a pouca descentralização financeira para a Educação Inclusiva, o que, muitas vezes, interfere com a aplicação das ações em todas as instâncias e setores educativos ao alcance da população. Ainda há muito que melhorar.

### 1.3 Autismo

A caracterização do conjunto de sintomas sob o nome de “distúrbio autístico do contato afetivo”, foi realizado por Kanner (1943). Ele descreveu os casos de

crianças que apresentavam como características em comum, a dificuldade para desenvolver relações interpessoais, extremo isolamento, atraso no desenvolvimento da comunicação, repetições de atividade de brinquedo.

Conforme Wing (1997), autismo apresenta-se em uma definição detalhada das principais áreas do desenvolvimento: a tríade de transtornos da interação social, as quais podem ser sumarizadas da seguinte forma: a) transtornos no reconhecimento social, b) na comunicação social e c) na imaginação e compreensão social. Contudo, Rutter (1997), define o autismo como uma síndrome, de forma semelhante à de Wing (1997), ela descreve como uma série de características especiais, tanto no desenvolvimento social como na linguagem, que pode ou não corresponder ao nível de inteligência da criança.

Depois da definição de Kanner (1943), os estudos sobre autismo cresceram muito. O primeiro estudo sobre o autismo surgiu em 1966, por Vitor Lotter. Com o aumento do índice de sujeito com autismo, foi relatado mais de vinte estudos sobre a teoria deste conhecimento na literatura, além dos estudos de casos em várias crianças. Entretanto, conforme Klin (2006, p. 55), é importante dizer que não significa que o autismo está aumentando e sim a identificação desta síndrome:

Os índices de prevalência resultantes, particularmente nos estudos mais recentes, apontam para um índice conservador de um indivíduo com autismo (prototípico) em cada 1.000 nascimentos; cerca de mais quatro indivíduos com transtorno do espectro do autismo (e.g., síndrome de Asperger, TID-SOE) a cada 1.000 nascimentos; e índices muito menores para a síndrome de Rett e menores ainda para o transtorno desintegrativo infantil. As possíveis razões para o grande aumento na prevalência estimada do autismo e das condições relacionadas são: 1) a adoção de definições mais amplas de autismo (como resultado do reconhecimento do autismo como um espectro de condições); 2) maior conscientização entre os clínicos e na comunidade mais ampla sobre as diferentes manifestações de autismo (e.g., graças à cobertura mais freqüente da mídia); 3) melhor detecção de casos sem retardo mental (e.g., maior conscientização sobre o AAGF e a SA); 4) o incentivo para que se determine um diagnóstico devido a elegibilidade para os serviços proporcionada por esse diagnóstico (e.g., nos EUA, como resultado das alterações na lei sobre educação especial); 5) a compreensão de que a identificação precoce (e a intervenção) maximizam um desfecho positivo (estimulando assim o diagnóstico de crianças jovens e encorajando a comunidade a não "perder" uma criança com

autismo, que de outra forma não poderia obter os serviços necessários); e 6) a investigação com base populacional (que expandiu amostras clínicas referidas por meio do sistemático "pente-fino" na comunidade em geral à procura de crianças com autismo que de outra forma poderiam não ser identificadas).

As características que compõem o espectro autismo são definidas por prejuízos em diversas áreas do desenvolvimento, entre elas a interação social, que afeta diretamente a comunicação dessas crianças. Portanto, os autistas possuem uma ótima memória, que podemos dizer que são detalhistas. No ambiente escolar, as crianças autistas têm muita dificuldade de se expressar, tanto com os alunos como com os professores, um dos motivos é a interação social, assim, isto pode gerar nervosismo nesses alunos.

O indivíduo autista precisa de participação permanente da família, e também, no âmbito escolar, de um profissional que o acompanhe diariamente, por vários motivos, entre eles, o comprometimento com a interação social desde o nascimento, como explica Klin(2006):

Há, em geral, uma progressão no desenvolvimento: indivíduos mais jovens e com maior comprometimento podem ser distantes ou arredios à interação, ao passo que indivíduos um pouco mais velhos ou mais avançados podem ter mais disposição de aceitar passivamente a interação, mas não a buscam ativamente. Entre pessoas com autismo, mais capazes funcionalmente, existe com freqüência interesse social, mas elas têm dificuldade em administrar as complexidades da interação social; isto freqüentemente leva ao surgimento de um estilo social não-usual ou excêntrico. (KLIN, 2006p.56)

Segundo Lemos (2014), conhecer os comportamentos da criança autista, bem como suas frequências e em que contextos ocorrem, é de grande relevância para as práticas dos professores no cotidiano escolar. É essencial que haja sensibilidade e perseverança do educador, no sentido de procurar entender quais são e como se dão as competências dessas crianças, que precisarão ser sustentadas na relação com elas. Conforme a autora, não perceber tais aspectos implica na diminuição das oportunidades de estabelecer e desenvolver a comunicação com seus alunos,

levando-os a um isolamento ainda maior. Portanto, a escola deve ser o ambiente que favorece o desenvolvimento infantil, tanto pela oportunidade de convivência com outras crianças, quanto pelo importante papel do professor.

Quanto as características do autismo aparecem cedo, a maioria ocorre antes de 3 anos de idade. Contudo, o diagnóstico precoce é fundamental no processo de tratamento pois é viável que seja tomadas as medidas cabíveis para a melhoria da criança no decorrer da vida.

Quando se fala em trabalhar as diferenças, associa-se à uma tarefa fácil, porém não é. É preciso ter consciência que a ideia não é fazer oposição aos lados dessas divergências e sim identificá-las e respeitá-las, de modo que não haja preconceito nem julgamento, e sim aceitação e compreensão em cada situação.

#### **1.4 O sujeito autista e o professor**

A relação professor-aluno tem muito significado, tanto para nós educadores como para os educandos, portanto é preciso estar sempre atento aos detalhes desta convivência, pois é um crescimento que modifica nossa vida por completo porque abrimos os olhos para uma nova concepção de mundo.

O professor tem um papel essencial na vida das crianças, portanto elas precisam ser ouvidas para que através dos seus questionamentos e colocações, ocorra uma aprendizagem ativa e crítica:

Assim sendo, é preciso que o professor fique atento para que as ações sobre os objetos não se esgotam em si mesmas, não se reduzam a mero treino de habilidades perceptivo-motoras. Nessa perspectiva, colocar o aluno como sujeito do processo, implica conhecer as suas necessidades, sua volição (seu desejo) e coordenar as intenções deste com as de quem intervém, tendo sempre em mente que o objetivo é promover o desenvolvimento cognitivo do aluno. Tendo isso em mente, será mais fácil estabelecer os meios ou instrumentos para realizar a ação planejada. (COSTA,2006)

Conforme Pacheco (2016) refere-se ao sistema regular de ensino atualmente, como um modelo que oferece uma experiência escolar igual para todos, ou seja, todos os alunos fazem as mesmas disciplinas, no mesmo tempo, da mesma maneira e são avaliados da mesma forma. Portanto, cada um possui sua subjetividade e com isso, nem todos acompanham a turma igualmente. Assim, é preciso compreender a diferença e como respeitar a diferença, pois a partir do momento que a criança não se adequa a maioria é preciso rever o tratamento com essas crianças de forma que ela não se sinta oprimida. O educador tem como desafio intervir na vida humana por meio da reflexão e reflexão crítica, obtendo estratégias pedagógicas para o benefício do educando, como Vygotsky (2000) afirma que:

A experiência pedagógica nos ensina que o ensino direto de conceitos sempre se mostra impossível e pedagogicamente estéril. O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras, um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos na criança, mas, na prática, esconde o vazio. Em tais casos a criança não assimila o conceito, mas a palavra, capta mais de memória que de pensamento e sente-se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado. No fundo, esse método de ensino de conceitos é a falha principal do rejeitado método puramente escolástico de ensino, que substitui a apreensão do conhecimento vivo pela apreensão de verbais mortos e vazios. (Vygotsky, 2000, p.247)

O professor como encarregado de mediações deve explorar sua sensibilidade a ponto de perceber quais são os significados construídos por seus alunos com relação aos conceitos que estão sendo formados, sejam eles simples ou complexos.

A intenção da grande maioria dos educadores é se dedicar ao máximo e por meio das suas experiências, aplicar atitudes inovadoras e que dão certo para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, portanto surgem momentos de incertezas. Isso ocorre mais com alunos que possuem transtornos, autistas e etc. Isso pode auxiliar na construção de superação do próprio educador, pois o mesmo deve encarar esses degraus como desafios encorajadores para um cotidiano mútua do ser humano.

Conforme Orrú (2008) afirma, o professor que trabalha junto a seu aluno com autismo, na perspectiva do desenvolvimento da linguagem, contribuirá como agente de mediações para a reconstituição e a melhora da vivência emocional de seu aluno, para que seu ser, muitas vezes revelado em suas ações, transcenda às reações afetivas imediatas para outras mais duradouras.

O educador tem como papel fundamental intervir na vida humana por meio de reflexões e atitudes que geram transformações, assim, obtendo estratégias pedagógicas eficazes para o estudante. Portanto, é possível o corpo escolar dispor a buscar maneiras e estratégias inovadoras, lúdicas, concretas e ações reflexivas para a construção de uma vida melhor para o sujeito com autismo. Com isso, é essencial que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe com o sujeito autista, tenha conhecimentos da síndrome e de suas características próprias, pois as ações e estratégias de trabalho devem servir como base para o planejamento das ações a serem usadas com eles.

No texto de Orrú (2008), é explicado como ocorre esta transformação da convivência com o estudante autista:

Para Feuerstein, a interação e o envolvimento com o material e o professor, não são suficientes para que haja a experiência de aprendizagem mediatizada. É preciso haver um mediatizador responsável, afetivo, conhecedor e competente para ser o intermediário entre o mediatizado e a experiência de aprendizagem mediatizada. Assim, é notório que Feuerstein tem maior preocupação de como se dão os processos mentais do indivíduo e com a formulação de programas que o enriqueçam cognitivamente do que com os resultados obtidos por testes que medem a capacidade intelectual, idéia que enfatiza sua influência advinda das obras de Vygotsky, além das de Piaget e de Bruner. Tal como Vygotsky, Feuerstein não menospreza as definições biológicas da espécie humana, mas valoriza a proporção em que se dá o contexto histórico e social do ser humano, de onde são fornecidos os instrumentos e os símbolos que estão entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, proporcionando mecanismos psicológicos que lhe darão auxílio em sua ação sobre sua realidade, processando-se através desse aprendizado o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. (ORRÚ, 2008, p. 3)

O educador deveria ter uma formação continuada e inovadora para o processo educativo com o sujeito autista. Como sugere Orrú (2008, p. 6) “partimos de três categorias com o fim de enriquecer o processo pelo qual se dá o conhecimento científico da prática docente. São elas: a reflexão na ação do educador, a conscientização do que seja a profissão docente e a inovação como resultado das práticas investigativas.”

Orrú (2008) explica que no trabalho com autistas o professor procura reduzir ao máximo a possibilidade de erro nas respostas de seu aluno, para que ele não se encontre em situação de frustração. Apesar disso, os próprios do behaviorismo, não são privilegiadas as relações sociais verdadeiras do ser humano, de onde procedem o desenvolvimento da atividade consciente do homem, e a internalização de conhecimentos, a generalização, o desenvolvimento do sentido e do significado.

Segundo Rodrigues (2012), a formação profissional deve considerar o saber fazer, criticamente, pois o professor precisa ter os fundamentos teóricos da educação, mas também precisa saber mediar os processos de constituição do conhecimento e do saber – um fazer rigoroso, no qual a prática pedagógica zele por compreender e criar diferentes caminhos, sem cair na cilada ultraliberal que se aproximou do discurso da qualidade pedagógica anos atrás. A função e o desafio é satisfazer a necessidade das crianças e falar do desejo para que o próprio sujeito encontre formas criativas de satisfazê-lo.

A escola, juntamente com o professor, deve abraçar o educando com necessidade específica educacional, pois como veremos mais à frente o sistema de ensino é obrigado a fornecer educação adequada, portanto é considerável que haja uma relação de parceria entre a família e a escola para uma educação de qualidade do aluno.

(...) a percepção acerca da deficiência do filho, a crença nas possibilidades de desenvolvimento deles e a organização da família nas tarefas mais simples são condições indispensáveis para o sucesso da inclusão. A socialização primária é realizada pela família, é muito importante para a formação da identidade, pois é através da identificação com os outros que a criança assimila atitudes e papéis. Perceber a escola como algo que faça parte da vida da criança, de fato, auxilia na reorganização da rotina da família e também inclui a família no “grupo de pais que possuem filhos na escola”, e com isso, não só a criança,

mas também seus pais, ampliam o seu círculo de convivência (SERRA, 2004, p.78)

A diferença e a experiência andam juntas na construção de trabalhar com crianças, portanto é um desafio diário para reconstruir o processo da nossa própria formação, que deve estar em constante mudança, assim, deixando-a mais leve, harmoniosa, rigorosa e politicamente engajada na luta pela nossa transformação e do outro. É preciso uma escuta sensível, um olhar subjetivo e individual em relação à turma. Segundo os dicionários, escutar significa: ouvir; perceber; sentir; observar. Significa viver a fala do outro, colocar-se no lugar de quem está falando, portanto, a interação social é fundamental para o crescimento do aluno co-relacionando em todos os aspectos, por exemplo o cognitivo. Conforme Nascimento (2015), desenvolvimento social, cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

De acordo com um estudo sobre monografias da Universidade de Brasília referente ao tema inclusão de alunos autistas, especificamente cinco monografias da atual década, observa-se que os teóricos mais utilizados foram: Kanner para relatar a definição do autismo, Gauderer e Baptista para falar sobre o comportamento, Rodrigues relatando sobre a escolarização e estudos de caso, Jerusalinsky levando em conta a psicologia com especificidade na psicanálise. E Gauderer retratando também o comportamento. A metodologia mais utilizada foi a qualitativa, pois percebe-se que há estudos de caso restas pesquisas que usam como método a observação e a entrevista, por isso a escolha desta metodologia. Consideraram-se também as ações da gestão escolar da escola pesquisada e as práticas pedagógicas. Por exemplo, no estudo realizado pela estudante Kawashima (2006), dá-se ênfase no teórico Jerusalinsky, pois é retratado o autismo em sua concepção comportamental e psicanalítica. Em contrapartida, a pesquisadora Sousa (2015) usa muito Gauderer na sua referência teórica, pois seu estudo retrata as características do autismo. Contudo, observa-se que atualmente os estudos sobre autismo têm aumentado.

## **CAPÍTULO 2**

### **METODOLOGIA**

Este trabalho se constitui a partir de uma pesquisa qualitativa, pois a partir de observações, diálogos, descrições e interpretações, buscamos entender o significado que os sujeitos atribuem ao contexto social. Neste tipo de pesquisa, a verdade não se comprova com estatísticas, porém convence na forma de experimentação prática, a partir da análise feita detalhadamente e coerentemente.

Nesta pesquisa é valorizado o processo e não somente o resultado, contudo, este processo auxilia na interpretação, o que difere da dos métodos de pesquisa quantitativos. Portanto, optei por fazer a pesquisa qualitativa, pois foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas características e experiências individuais. Além disso, há flexibilidade nos resultados, pois não existe uma resposta apenas quando se há observações, entrevistas e questionários, como no caso da presente pesquisa. Portanto, segundo Godoy:

Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador "colocar-se no papel do outro", vendo o mundo pela visão dos pesquisados. Por isso Blumer propõe a investigação naturalista do mundo, ou seja, a investigação do mundo empírico, tal qual ele se apresenta. Como procedimentos, sugere a observação direta, o trabalho de campo, a observação participante, a entrevista, o uso da história de vida, das cartas, diários e documentos públicos. (GODOY, 1995, p.60)

Contudo, este modo de pesquisa relaciona o conhecimento com as experiências dos participantes. Acerca disso, é necessário coletar dados usando a observação, a entrevista e o questionário.

Nesse trabalho, o objetivo é compreender como se dá as trajetórias dos alunos autistas, no âmbito escolar na perspectiva dos professores, por isso foi preciso observar o professor regente, o profissional de apoio no contexto da sala de

aula, a função que esse profissional assume com os sujeitos autistas em parceria com o professor regente e demais profissionais. Assim, entender o posicionamento da gestão escolar, da comunidade e os demais profissionais para uma educação de qualidade e inclusiva, como também demonstrar os desafios enfrentados tanto pelos professores como os alunos.

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Godoy (1995), a pesquisa qualitativa não busca enumerar nem medir os eventos pesquisados, também não utiliza instrumental estatístico na análise dos dados. O ponto de partida são questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Um estudo desta categoria, necessariamente, envolve dados descritivos sobre organizações, pessoas, lugares e as formas de interação que se dão pelo contato do agente pesquisador com o objeto em análise, procurando compreender os fenômenos segundo a vivência e visão dos atores que convivem diuturnamente com o caso fático.

Este trabalho é caracterizado por ser uma pesquisa qualitativa descritiva, pois contribui em diferentes áreas do conhecimento, como analisar e interpretar os dados baseados em um âmbito psicossocial, possibilitando a relação entre o mundo real e o sujeito.

Conforme Prodanov e Freitas (2013), o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.

## **2.1. Contexto da pesquisa**

Esta pesquisa se passa em uma escola pública de ensino regular. Foram duas turmas pesquisadas: a classe inclusiva e classe especial, a qual atende vários educandos com necessidades educacionais específicas, destacando-se o educando com autismo. Os professores e monitores dos educandos também fazem parte deste contexto, na qual são caracterizados como peças fundamentais para a realização desta pesquisa.

A escola fica localizada em Brasília, Distrito Federal. Atende 215 alunos de seis a 14 anos, do 1º ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino. São 11 classes regulares inclusivas nas modalidades: Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Dificuldade Intelectual (DI) e seis classes especiais de TGD. A estrutura não abrange sala de recurso. O corpo docente totaliza 15 professores, considerando o turno matutino e vespertino. Além de quatro monitores que tem a função de monitorar no recreio e acompanhar os alunos diagnosticados com algum transtorno ou vulnerabilidade social, há também três educadores sociais que têm a função de monitorar no recreio e desenvolvem oficinas de pintura, artes cênicas e atletismo, atuando no período vespertino.

## **2.2. Sujeitos**

Os sujeitos desta pesquisa são: professores, monitores, alunos. Os professores são concursados pela Secretaria de Educação do Distrito Federal. A monitora também é da Secretaria e possui graduação em Educação Física. Os alunos são do Ensino Fundamental I, especificamente do 5º ano e da classe especial que possuem faixa etária entre 10 e 14 anos de idade.

Os professores que responderam aos questionários fazem parte do Ensino Fundamental e classe especial. As salas observadas foram: classe especial, cujo nome fictício da professora é Maria e a classe regular o 5º ano, cujo nome fictício é Joaquina. A entrevistada foi a professora Maria.

### *2.2.1. Professores*

Nesta parte, apresentarei informações do questionário aplicado na escola onde aconteceu a pesquisa de campo deste estudo. Ao todo, foram seis respondentes.

Todos os docentes são mulheres, possuem mais de 30 anos de idade e mais de nove anos de docência. Ao que diz respeito à formação continuada: três professores cursaram pós-graduação. Em relação às principais características que facilitam a aprendizagem do aluno autista, três professoras caracterizaram ambiente escolar e a falta de material relevante para a necessidade desse sujeito.

### *2.2.2. Crianças autistas*

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a escolarização do sujeito autista, por isso foi necessário observar os alunos autistas da escola localizada na Asa Norte. Portanto, foram observadas duas classes: a especial composta por alunos autistas com faixa etária entre oito e 13 anos de idade e a sala regular do 5º ano composta por alunos entre nove e 13 anos de idade.

Sala regular: Nesta sala observada as meninas ficavam do lado direito, os meninos do lado esquerdo e no centro dois alunos autistas acompanhados da monitora (são três nesta sala, mas o outro estava sentado com os meninos). No centro da sala estava o Gabriel e a Lara. Gabriel tem 12 anos de idade e Lara tem 13. Ele estava respondendo às contas de multiplicação sem demonstrar dificuldade, pensava um pouco e já falava a resposta correta. Já Lara tinha um pouco mais de dificuldade, no entanto conseguiu terminar toda a tarefa no tempo proposto. Gabriel apresentava-se mais comunicativo que Lara, mas ambos expressaram suas ideias com clareza, falaram dos conteúdos expostos na sala e Lara contou suas expectativas profissionais no futuro. Na hora do lanche, Gabriel saiu da sala para lavar as mãos assim que viu o lanche chegando à sala, Lara quando viu que Gabriel tinha saído, pegou o seu lanche e começou a comer.

Sala especial: Havia cinco alunos e duas professoras (cada uma ficava com dois, o outro aluno não estava indo para a escola) e um ficava com monitor. Dion apresentava-se a criança mais agitada, fazia movimento de ir para frente e para trás repetidamente e gritava várias vezes, ele é pouco verbal. Em torno de duas horas de aula ele ficou agitado quase o tempo todo, se acalmou quando a professora entregou uma massinha para ele. Depois de amassar várias vezes ele despedaçou em

tamanhos muito pequenos e cheirava, essa foi a maneira que ele se acalmou. Logo depois foi fazer a atividade, escreveu o próprio nome e a atividade de juntar sílabas, ele é bem esperto! Felipe verbaliza bastante com a professora regente, ele é bem maduro e é alfabetizado. Ele gosta muito de assuntos relacionados à moda, contudo as duas observações que eu fiz nesta sala, ele realizou atividades ligadas a esse tema, onde não teve problema algum em fazer, pois se sentia entusiasmado. O Felipe está fazendo a transição para o 5º ano e está se saindo bem, tenta fazer as atividades propostas e não verbaliza ainda com os colegas da classe regular. O João Vitor é alfabetizado e tem muita dificuldade em escrever palavras com dígrafos, ele é agitado e não verbaliza. Por último, a Ana, única menina da sala. Ela é obediente, não verbal e não é alfabetizada, porém reconhece o alfabeto.

### **2.3. Instrumentos e Procedimentos Metodológicos**

O fruto da articulação dessa pesquisa começou a ser realizado com base em experiências vividas a partir do trabalho de estagiária profissional com a função de apoio pedagógico de dois educandos autistas, em uma escola particular de ensino regular do EF. Além do estágio obrigatório realizado em uma escola pública. Portanto, a pesquisa em si é feita em uma escola pública, que difere das instituições em que realizei o estágio. Os principais métodos de pesquisa utilizados foram: observação, questionário, entrevistas semiestruturadas e diálogos.

#### *2.3.1. Observação*

A observação foi feita no ano de 2018 no segundo semestre. Foram feitas 5 observações: uma no ensino regular com crianças de 10 e 11 anos de idade e outras na turma da classe especial com crianças autistas maiores de 10 anos de idade. O intuito era ter mais observações na classe regular, portanto a professora não quis disponibilizar um horário para eu observar, por isso optei por observar mais a classe especial.

Em relação à instituição observada, eu avisava com antecedência que iria e combinava o horário mais viável e perguntava se podia gravar, para não constranger a professora. Portanto, o foco maior era no comportamento dos sujeitos autistas e quais eram as atitudes dos professores no momento observado. A observação feita nessa pesquisa foi a “assistemática”, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 104) “a técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas”. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados.

### *2.3.2. Entrevista e questionários*

O propósito da pesquisa de campo era obter informações sobre inclusão e como se dá a trajetória dos autistas que perpassam pelo trabalho dos professores, portanto optei por realizar entrevista informal que fosse possível registrar e analisar dados que possibilitam averiguar o entendimento dos entrevistados sobre o assunto.

Foi utilizada a tipologia de entrevista semiestruturada, caracterizada por um diálogo flexível em que o entrevistado colabore com sua opinião e impressões sem deixar de lado as questões imprescindíveis. Por isso, foram elaborados entrevistas e questionários para selecionar professores que trabalhavam com sujeitos autistas. Para a execução das entrevistas foram agendados os horários e datas de acordo com a disponibilidade de cada participante. O questionário foi aplicado no primeiro contato que tive com a escola, foi o momento em que conheci o espaço, diante disso, entreguei os questionários na sala dos professores e expliquei a finalidade do mesmo. O instrumento era constituído por questões de duas formas: abertas e fechadas, sendo que as abertas possibilitaram ao respondente uma liberdade para se expressar, composta por principais itens de acordo com a pergunta.

## CAPÍTULO 3

### RESULTADOS E ANÁLISE

Foi realizada uma entrevista semiestruturada (segue no apêndice as perguntas) com uma professora que se prontificou a responder e um questionário (segue no apêndice) com os professores e monitor. Nesse capítulo serão apresentadas e discutidas, com base nos referenciais teóricos abordados as respostas das professoras. Para fins didáticos, a análise será dividida em três seções.

A partir das minhas próprias indagações criadas na minha trajetória com Educação Inclusiva surge esta pesquisa, a partir de observações e estágios. Portanto, inicia-se após um questionário sobre inclusão de alunos autistas para ser aplicado na escola pública localizada na Asa Norte. Logo após, vieram as observações e a entrevista, assim, investigando e analisando o discurso docente acerca das crianças com autismo na escola.

#### **3.1. Entrevista: a inclusão e a trajetória do professor**

A entrevista foi semi estruturada, como havia dito, ou seja, houve um diálogo construtivo. Foi realizada na sala dos professores após o horário de trabalho da professora. Todas as perguntas foram relacionadas às suas experiências com estudantes autistas. O nome da professora usado nesta pesquisa é fictício, Maria.

A primeira pergunta foi sobre a trajetória da professora com aluno autista:

*Fiquei com medo de não conseguir, de não atender a criança na sua subjetividade, fiquei ansiosa. Minha primeira turma tinha um autista e não tinha monitora, isto ocorreu em 2011. Minha primeira turma tinha um autista e não tinha monitora. Ele era agressivo, possuía diagnóstico de TDI – Transtorno dissociativo de identidade. Não podia faltar que ele quebrava tudo. No decorrer do ano vi que ele melhorou, a escola nem os pais me ajudaram. Depois não batia mais, começou a sentar e obedecer mais, no começo não pegava no lápis, ele tinha 4 anos, os pais não trouxeram diagnóstico e não queria investigar. A Escola era particular. A mãe não aceitava, ele fazia acompanhamento precoce em outra instituição. A escola “tipo deu” o diagnóstico como autista. (Entrevistada)*

Sobre as reflexões em trabalhar com alunos autistas, Maria definiu que “é melhor trabalhar com alunos autistas do que alunos do ensino regular”.

*Achei-me nessa área, melhor trabalhar com eles do que com o ensino regular, eles são amorosos, cada dia uma descoberta é um desafio diário. As vezes planejamos, mas quase sempre muda tudo, esse é o maior desafio, lidar com isso, eu melho a cada dia convivendo com eles, mesmo que não seja fácil.(Entrevistada)*

Referente à opinião dela sobre as dificuldades da inclusão no âmbito escolar, a professora explicou que:

*Falta de material, falta da ajuda do corpo docente escolar, como gestão e a falta de iniciativa de alguns professores/educadores que não trabalha diretamente com autista não querem se esforçar para aprender, isso ocorre mais com profissionais mais velhos. (Entrevistada)*

Considerando a escola como referência para a Educação Inclusiva em Brasília, a última pergunta se referia a como se dava a inclusão na escola, considerando gestão, educadores, monitores, orientador e comunidade escolar:

*Em relação a ter uma boa inclusão, os pais da escola são os melhores componentes para isso. Eles são os mais atenciosos quanto as necessidades dos filhos. Procurei a gestão diversas vezes para falar sobre a inclusão com outros funcionários da escola e também para comprar material concreto (nada muito sofisticado) e alegavam que não tinham dinheiro. A escola não possui nenhum atrativo de diversão para as crianças (todas elas) é preciso sair da escola pra procurar parquinhos. No recreio possui uma bola e uma corda para todos os alunos. Não ocorre diálogo sobre a educação especial e inclusiva na escola. Para mim o único recurso que temos é um projeto sobre cidadania que uma professora implantou muito tempo atrás para realizar atividades como “passear na rua” “andar de ônibus” “comprar coisas no mercado”. O nome do projeto é “vivendo e aprendendo”, aprimorei este projeto buscando sempre atividades inovadoras, essa por exemplo de andar de ônibus foi ideia minha. (Entrevistada)*

### **3.2. Observações: escolarização do sujeito autista**

Como havia dito, o trabalho de campo começou antes desta pesquisa. No meu segundo semestre resolvi ver a prática da pedagogia, ou seja, fui à escola trabalhar, por isso, participei de um trabalho voluntário aonde eu percebi que a educação vai muito além da teoria. Nesta escola, eu tinha a função de preparar aulas lúdicas de matemática para o ensino integral (1º ao 4º ano), foi uma experiência incrível.

Com isso, conheci alguns alunos autistas, deficientes ou diagnosticados com algum transtorno. Percebi que a inclusão não é uma ação e pronto, é uma construção de todos que perpassam pela vida do aluno.

Depois fui trabalhar em uma escola particular, em um estágio remunerado, em que havia carência de alguém com experiência com autismo, porém expliquei que não tive contato direto somente com autista. Assim, consegui a vaga e fui trabalhar com dois alunos autistas em que tive que pesquisar muito sobre, pois até então sabia superficialmente sobre características e outros aspectos que são totalmente relevantes para lidar com sujeito autista.

Por último, o Projeto 4.2 com a Professora Maria Alexandra, adjunta da Universidade de Brasília. Ela me encaminhou para pesquisa em uma escola encantadora ao que se refere à inclusão.

Portanto, ressalto que esta pesquisa não tem o objetivo de julgar o trabalho de nenhum profissional, pelo contrário, almejo ajudar as professoras, assim como elas me ajudaram decidindo participar da pesquisa. Além do que, aprendi muito observando o trabalho de cada uma, pois se sabe que a educação em si é um desafio diário.

#### *Episódio 1: Conhecendo o espaço e os participantes da pesquisa*

A escola fica localizada em área nobre do Plano Piloto, ao entrar na escola há vários trabalhos pedagógicos dos alunos grudados na parede. A primeira sala é a cozinha e ao lado dos professores. Logo depois tem uma grade onde ficam as salas de aula. São oito salas no total, uma sala dos professores, uma secretaria e sete

banheiros. Existe o espaço físico da sala de recurso, porém não há professor. No entanto, há classes especiais e as classes inclusivas chamadas de classe regular. Observei que a maioria das turmas regulares são muito cheias o que dificulta a transição pela sala.

No recreio todos os alunos ficam juntos, tanto das salas especiais como das salas regulares. Percebi que os alunos interagem com as crianças deficientes. No entanto, não tem nenhum atrativo para eles no recreio, nenhum material e nenhum espaço com alguma coisa, eles ficam no pátio totalmente livres e os monitores e educadores sociais ficam acompanhando eles.

Ao chegar à escola, conversei primeiramente com a coordenadora explicando o motivo de estar lá, entreguei a carta de encaminhamento à escola e pedi permissão para observar alguma turma. Depois apliquei o questionário na sala após o horário das aulas. Havia em torno de 15 professoras, apenas seis quiseram responder ao questionário.

### *Episódio 2: Observando a classe regular*

Neste dia, observei o 5º ano do Ensino Fundamental I. O conteúdo referia-se a multiplicação de números decimais. A sala era separada em três partes: meninas, meninos e no centro dois alunos autistas acompanhando da monitora (são três nesta sala, mas o outro estava sentado com os meninos). Havia cartazes espalhados na sala toda sobre conteúdos, tinha: tabuada, fração, mural de parabéns, regiões do Brasil, mapa mundi. Como havia dito, a sala é pequena para a quantidade de aluno, por isso a transição pela sala é um pouco difícil.

A professora é atenciosa com os alunos e clara para apresentar as propostas da aula. Após a correção do dever, o Gabriel foi mostrar a atividade que ele respondeu. Ela olhou e falou: “parabéns”, ele ficou feliz e mostrou para todas as meninas o dever que ele tinha respondido. Durante a atividade, a monitora ficou auxiliando a Lara e o Gabriel, os sujeitos autistas que estavam no centro da sala, o único momento em que a professora falou com eles nesta aula, foi quando o Gabriel foi até ela mostrar o dever. Portanto, imagino que a professora sabe o quanto o

Gabriel fica feliz ao escutar da professora que ele foi bem na atividade, pois quando ela falou, ela olhou bem nos olhos dele e o elogiou.

Gabriel levantou e a monitora, que se chama Ana falou “vai beber água!” Ele não quis e foi olhar a paisagem na janela, logo depois veio falar comigo, deu bom dia e reparou em alguns detalhes como brinco e relógio. Lara viu que o Gabriel estava conversando e ela veio conversar também. Falou sobre seus gostos sobre animais e disse que queria ser veterinária. Algo que me chamou atenção, foi que neste momento Gabriel ao ver o lanche da escola chegando, saiu da sala e voltou com a mão úmida. Ele associou o lanche com o horário e não avisou ninguém que iria sair. Chegou à sala e foi comer o seu lanche. Lara também começou a comer o lanche que trouxe de casa.

No recreio, Gabriel ficou observando as pessoas e a Lara conversando com os monitores. O outro sujeito autista estava interagindo com os colegas da sala. Neste momento, conversei um pouco com ele.

### *Episódio 3: Observando a classe especial*

Neste dia observei a classe especial em que duas professoras ficam na sala, pois há somente crianças autistas. A sala é composta por cinco alunos sendo que cada professora fica com dois, e um monitor com um aluno. A parede da sala não tinha muitas informações, somente o calendário. E uma prateleira com muitos materiais concretos, com os quais a maioria das atividades eram feitas.

A aula é iniciada com uma das professoras explicando sobre o dia e o clima. Depois eles iniciaram uma atividade que finalizaram depois do recreio. A organização da sala é adequada para esses alunos. Enquanto um finalizava a tarefa após o recreio o outro “relaxa” (descrição da professora). Como eles têm o desenvolvimento bem diferente um do outro, apesar de obterem quase a mesma idade, as atividades são diferentes.

Dion era a criança mais agitada, fazia movimento de ir para trás e para frente e gritou várias vezes, é pouco verbal. Em torno de duas horas de aula ele ficou agitado quase o tempo todo, se acalmou quando a professora entregou uma

massinha para ele. Depois de amassar várias vezes ele despedaçou em tamanhos muito pequenos e cheirava, essa foi a maneira que ele se acalmou. Logo depois foi fazer a atividade, fez o nome e atividade de sílaba, ele é bem esperto! No momento da atividade ele fazia sons altos, porém apresenta-se mais calmo do que o momento do “relaxamento”.

João fez uma atividade de completar o corpo das mulheres, depois Felipe fez a mesma atividade, mas a do Felipe o objetivo era identificar se era homem ou mulher. A Ana fez uma atividade do nome dela e de identificar os números relacionando com quantidade, essa do número ela estava com bastante dificuldade, deu a entender que ela não estava entendendo a proposta da atividade. Depois a professora me informou que ela tem muita dificuldade, mas que está aprendendo o alfabeto. Ela tem oito anos de idade, é a mais nova da classe. Logo após a atividade, tiveram um momento livre onde poderiam jogar com materiais concretos. Depois foram embora, os pais os buscavam na sala.

### **3.3. Análise**

Portanto, foi possível identificar como se dá o processo de inclusão desses educandos a partir da perspectiva da escola e dos professores juntamente com os monitores. Contudo, foi percebido que a inclusão é algo que todos os professores e monitores gostariam de alcançar, mas, devido à uma série de fatores essa condição não acontece conforme os desejos das famílias, educandos, docentes e comunidade escolar de quem convive e vive com os eles. Esses fatos referem-se à: falta de material, falta de formação na área específica de educação inclusiva e autismo, falta de motivação da gestão escolar, entre outros. Dessa maneira, a análise a seguir, tem como foco discutir a inclusão relacionando com as vivências de professores, a escolarização dos alunos, assim relacionando também com o referencial teórico.

### 3.3.1. Tempo de docência dos professores

Ao que se diz sobre os respondentes do questionário, em relação ao tempo de docência dos professores, apenas uma tem menos de cinco anos, o restante tem mais de 10 anos de docência. Diante disso, na entrevista a respondente informou que um dos motivos responsáveis pela dificuldade de inclusão na escola, refere-se a *“falta de iniciativa de alguns professores/educadores que não trabalha diretamente com autista não querem se esforçar para aprender, isso ocorre mais com profissionais mais velhos”*. (Entrevistada)

Ou seja, os professores mais velhos estão acomodados, haja vista que imaginam que não irão transitar pela educação inclusiva. Isto pode atrapalhar muito a inclusão, pois a mesma não se dá apenas na sala de aula. É preciso trabalhar isto em todas as classes da escola e espaços físicos do âmbito escolar.

### 3.3.2. Formação Continuada

Ao que diz respeito à formação continuada: três professores cursaram pós-graduação. A formação continuada é muito importante para várias áreas profissionais, portanto para a área da educação é essencial, pois se lida com comportamentos e com a educação um âmbito fundamental na vida do ser humano. Conforme a análise do questionário percebe-se que a minoria fez alguma especialização. Portanto, atualmente existe na Secretaria de Educação do Distrito Federal uma instituição que presta cursos para os professores em que eles podem realizar o curso no horário de coordenação:

No segundo semestre de 2014, reafirmamos a articulação com o Governo Federal/Ministério da Educação para a implementação de várias ações no âmbito da formação continuada dos profissionais da educação que foi iniciada em 2011 (BRASÍLIA, 2005)

Além de cursos regidos pelo Governo do Distrito Federal, é constitucional desde 2011 “visando à atuação coordenada das instituições de educação superior (IES) públicas ou comunitárias e filantrópicas sem fins lucrativos, e das instituições

da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, na oferta de cursos e programas de formação continuada” (BRASIL, 2013).

### *3.3.3. Desafios enfrentados na Educação Inclusiva e a relação professor e aluno autista*

Segundo a presente pesquisa, ao que se referem aos respondentes do questionário, três caracterizaram o ambiente escolar e a falta de material relevante para a necessidade dos estudantes autistas.

Conforme resposta da professora do 5º ano, Joaquina diz que o desafio enfrentado é “fazer intervenções frequentes para que o aluno sinta se parte indispensável da turma”. A partir da fala do docente, sabemos que a inclusão não é uma tarefa fácil, pois o aluno autista propicia medo e ansiedade, além da formação acadêmica, os professores não foram preparados para recebê-los, por isso têm dificuldade em lidar com demandas comportamentais, cognitivas, sociais e acadêmicas desse sujeito.

Considerando isso, verifica-se que há algumas divergências a serem enfrentadas ao trabalhar com sujeitos autistas. Portanto, apesar disso, é necessário que o docente primeiramente, esteja pronto para ser afetivo e paciente. É preciso um olhar subjetivo em todos os aspectos mesmo nas práticas pedagógicas.

A relação professor e aluno eficaz é fundamental para o desenvolvimento do estudante, mas é preciso considerar que o docente obtém transformações significativas ao trabalhar com o sujeito autista, por isso é importante considerar isso buscando sempre aprimoramento para transferir para o aluno e ser transformando como ser humano. O desafio enfrentado com sujeito autista propicia um constante aprendizado, obtendo crescimento espiritual, cidadã e profissional. É um conjunto de aspectos essenciais para o crescimento do ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa objetivamos analisar as práticas pedagógicas direcionadas a um aluno autista e suas relações com o processo de escolarização, com o foco na trajetória dos professores. Para alcançar o objetivo, foram realizadas observações das aulas, respostas dos professores através de um questionário e entrevista. A pesquisa foi desenvolvida com professores e alunos autistas, todos os professores que participaram tiveram contato com sujeito autista.

O resultado obtido nesta pesquisa informa que os professores não possuem preparação acadêmica para trabalhar com autista, ressalto que no trabalho pedagógico há divisão de alunos autistas e não autistas, além da escola oferecer somente um projeto de inclusão, também não fornece ações pedagógicas como o uso do material concreto no recreio, haja vista, que, além disso, na escola pesquisada não há interativos para as crianças no recreio, nem mesmo Educação Física. Portanto, sabe-se que o aluno autista interage melhor sua imaginação com utensílios concretos, por isso esta ação iria ajudar na inclusão não somente na sala de aula.

Durante as observações foi constatado que poucas atividades eram desenvolvidas, os alunos tinham muito tempo ocioso. Existiu uma inadequação entre o que está escrito no plano de aula das professoras da classe especial e o que é executado na prática para inclusão do aluno. Havia muito tempo de relaxamento e bem menos de atividades pedagógicas, que poderia integrar com a ludicidade ou recreação.

Considero que foi possível chegar a uma reflexão efetiva acerca do tema dessa pesquisa, porém é preciso ir em busca de novos estudos sobre o autismo e a escolarização dos estudantes. A necessidade de mais investimentos científicos não era objetivo da pesquisa, no entanto é considerável que haja uma expansão de pesquisas acerca das práticas pedagógicas que favoreçam as ações formativas para os profissionais da educação, assim, favorecendo a escolarização e inclusão do sujeito autista como integrante ativo na escola e na sociedade.

## **PERSPECTIVA FUTURA**

Desde o meu ingresso na Universidade de Brasília, estagiei na área da educação. Portanto foi na área da educação inclusiva que me encontrei. A partir de um estágio na escola particular no ano de 2016 percebi o quanto eu me transformo ao ter contato com sujeitos autistas.

Assim, identifiquei o verdadeiro valor do professor, para ir além de ensinar. É necessário entender, observar a subjetividade do indivíduo, ter afeto e ser amigo. É preciso também aprofundar ao longo a conhecimentos específicos sobre a especificidade de cada aluno, realizando assim formação continuada.

Considerando isso, meu objetivo é trabalhar oferecendo reforço escolar para sujeitos autistas, a princípio a domicílio, depois alugar um espaço e trabalhar o cognitivo articulando com social, onde haverá duas ou três crianças por atendimento autistas e não autistas.

Almejo continuar me transformando e aprimorando meus conhecimentos acerca desta área da educação, assim, ingressando no mestrado na área da inclusão preferencialmente na Universidade de Brasília.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, M.W.; ENUMO, S.R.F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 1, p. 101- 111, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>; Acesso em 22 de out. 2018.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 22 de outubro. 2018.

BRASIL. **Fundo Nacional de desenvolvimento da educação**. Resolução/CD/FNDE Nº53, de 11 de dezembro de 2013. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI, 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 de novembro. 2018.

BRASIL. **Secretaria de Estado de Educação. Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação**. Brasília, 2005. 36 p.

COSTA, D. A. F. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. **Rev. psicopedagogia**, São Paulo, v. 23, n. 72, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n72/v23n72a07.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro. 2018.

GODOY, A. S., **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: ERA, 1995. v. 35, n. 3, p. 60.

GOLDBERG, K. Autismo: uma perspectiva histórico-evolutiva. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen/RS, v. 6, n. 6, 2005.

HÖHER CAMARGO, S. P.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.21, n.1, p.70, 2009.

KAWASHIMA, B. M. G. **Inclusão de alunos com autismo: desafios de estar e ser na escola.** Brasília: UnB, 2016. p. 74. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/19069>>. Acesso em: 21 de novembro. 2018.

KLIN, A. Autismo e síndrome de asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28, p. 55-56, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462006000500002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462006000500002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 21 de novembro. 2018.

LACONO, J.P.; Mori, N.N.R. Deficiência Mental e Terminalidade Específica: novas possibilidades de inclusão ou exclusão velada? **Teoria e Prática da Educação**, p. 2, 2004.

LEMOS, E.L.M.D.; SALOMÃO, N.M.R.; AGRIPINO-RAMOS, C.S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.20, n.1, p.117-130, 2014.

LOURENÇÃO, L. C. **Reconhecimento de faces familiares em indivíduos com Síndrome de Asperger e Transtorno Invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.** Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MEC. SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 25 de dezembro. 2018.

**Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2016. 2ª ed. 277p. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>.

NASCIMENTO, M. C. Et al. O lúdico na aprendizagem e suas contribuições para o desenvolvimento da criança. **Educere-Revista** da Educação da UNIPAR, v.13, 2015.

ONU. Declaração Mundial de Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Conferência Mundial sobre Educação para Todos em 1990, Jomtien (Tailândia). Genebra: UNESCO, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>.

ORRÚ, S. E. A formação de professores e a educação de autistas. **OEI - Revista Iberoamericana de Educación.** Centro Universitário da Fundação de Ensino Octavio Bastos, n. 45, fev. 2008. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/391Orru.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro. 2018.

PACHECO, R. P. **Empatia para quê? Contribuições do design para o ensino de crianças autistas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

RODRIGUES, F. L. V. A experiência de acompanhar crianças com autismo na escola: desafio de des-fiar a forma de formação de professores. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, nº52, p. 69 – 80, julho/dezembro, 2012.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Inclusão Escolar: Conceitos, Perspectivas e Contributos. **Revista Lusófona de Educação**, 8, 69, 2006.

SÁNCHEZ, P.A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. Inclusão: **Revista da Educação Especial**, (1), 7-18, 2005.

SERRA, D. C. A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2004.

SOUSA, Maria S. O professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED. Brasília: UnB, 2015, p.34 Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015\\_MariaJosianeSousaDeSousa\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015_MariaJosianeSousaDeSousa_tcc.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2018.

VYGOTSKI, L. S. (1999). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

# APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA

1. Como foi seu primeiro encontro com um estudante autista?
2. Quais foram suas primeiras reflexões sobre sua trajetória com um aluno autista?
3. De acordo com sua experiência, quais são as principais características de um sujeito autista?
4. Quais estratégias você utiliza para ter um convívio social com um estudante autista?
5. Quais estratégias e recursos didáticos você utiliza na sala de aula para trabalhar pedagogicamente com um autista?
6. Quais são os desafios enfrentados ao trabalhar com um sujeito autista?
7. Para você, o que é inclusão?
8. Qual a dificuldade que você percebe para obter a inclusão de sujeitos autistas no âmbito escolar?
9. Considerando a escola que você trabalha como uma escola adequada para trabalhar a inclusão, conte como se dá este processo de inclusão na escola. (Em vários aspectos: gestão escolar, monitor, sala de recursos, sala de aula, orientação e outros).
10. O que você recomendaria para melhorar a inclusão na sua escola e na sala de aula?

## APÊNDICE 2

### QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA

<b>Nome</b>				
<b>Endereço completo</b>				
<b>1. CEP</b>	<b>2. Cidade/Estado</b>		<b>Telefone</b>	<b>Celular</b>
<b>Sexo: 3. <input type="checkbox"/> M 4. <input type="checkbox"/> F</b>	<b>5. UF de nascimento</b>	<b>E-mail</b>		
<b>6. Data de Nascimento</b>	<b>7. Idade</b>	<b>8. <input type="checkbox"/> Casada/o 9. <input type="checkbox"/> Solteira/o</b>	<b>10. Filhos</b>	<b>11. Tempo de docência</b>
<b>Há quantos anos em Brasília?</b> 12. _____ anos 13. <input type="checkbox"/> Sempre morei em Brasília	<b>Há quanto tempo na SEE-DF?</b> 14. _____ anos como professora efetiva 15. _____ anos como professora temporária		<b>Em que ano está lecionando atualmente?</b> 16. _____ ano doEF; 17. _____ ano doEM; 18. _____ período daEI.	
<b>19. Formação (técnica e/ou superior); formação educação especial, curso, instituição e ano de conclusão.</b>				
<b>20. Principais características da aprendizagem do/a aluno/a autista que você percebe (pelo menos 3 características).</b>				
<b>21. Principais desafios/demandas enfrentados na sua trajetória em relação à educação inclusiva (disciplina/comportamento; aprendizagem; relações interpessoais)</b>				
<b>22. Principais reflexões ao interagir diariamente com sujeito autista.</b>				
<b>23. Você tem interesse em participar de uma entrevista relacionado aeducação inclusiva?</b>				
SIM <input type="checkbox"/> NAO <input type="checkbox"/>				
<b>Local/Data</b>			<b>Assinatura</b>	

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de graduação **ThaynaraCristina D' Fátima Bellino**, do curso de **Pedagogia** da **Universidade de Brasília - UNB**, que pode ser contatado pelo e-mail **thaynara.bellino@gmail.com** e pelos telefones **(61) 98190-3624**. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e observações com os alunos, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de graduação intitulada "**O encontro de trajetórias: a escolarização do sujeito autista na perspectiva do estudante autista**". Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Nome

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
CPF

\_\_\_\_\_  
RG

Deixe suas informações de contato aqui: